

JOGOS COOPERATIVOS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: jogar, conviver e aprender com o outro

*Livia Alessandra de Carvalho Teles,
Marcos Vinicius Guimarães de Paula*

GT1 – Inter e Transdisciplinaridade na Educação

Resumo: O presente trabalho destaca a Educação Física Escolar à luz da transdisciplinaridade, refletindo a respeito dos jogos cooperativos como exercício de convivência. Acredita-se que o jogar de forma cooperativa contribui para despertar os educandos para a valorização da diversidade, além de ampliar o olhar sensível para o outro. Esse trabalho também relata uma intervenção pedagógica realizada nas aulas de Educação Física dos anos iniciais do ensino fundamental em uma escola municipal da rede de ensino de Anápolis – GO, cujo conteúdo proposto para o mês de abril era os jogos cooperativos, atendendo à matriz curricular que contempla o tema relativo à ética. Nesse sentido, entende-se que a vivência dos jogos cooperativos colaborou para que os educandos repensem valores essenciais à vida, como o respeito ao próximo, a solidariedade, a cultura da paz, e também para desmistificação da ideia de que jogo prazeroso é somente aquele jogado CONTRA o outro, valorizando assim, o jogar COM o outro. Nesse sentido, com base em Humberto Maturana, compreende-se que os jogos cooperativos ajudaram a despertar os alunos para a importância de se convIVER, além de ter contribuído no ensino da compreensão humana, como bem nos alerta o inspirador Edgar Morin. Dessa forma, os jogos cooperativos foram vivenciados com todos os alunos fazendo parte efetivamente do grupo, uma vez que a inclusão é um princípio fundamental da cooperação, considerando que compreender, segundo Edgar Morin, é apreender em conjunto, o que por sua vez coopera para a humanização das relações interpessoais.

Palavras-chave: Jogos Cooperativos. Convivência. Transdisciplinaridade. Educação Física Escolar.

Introdução

Este texto discorre a respeito da relevância dos jogos cooperativos como conteúdo das aulas de Educação Física Escolar, despertando o ser aprendente para o convívio harmonioso com o outro, possibilitando respeitar as suas singularidades e percebê-lo como fundamental na sua formação, estando de acordo com o que propõe a transdisciplinaridade.

Além disso, relata uma experiência pedagógica transdisciplinar na Educação Física com a vivência do jogo cooperativo. Foram desenvolvidas algumas aulas com essa temática nas séries do 1º, 2º, 3º, 4º e 5º anos do ensino fundamental de uma escola pública da rede municipal de ensino de Anápolis-Go.

Educação e transdisciplinaridade: breve reflexão

O sistema educacional contemporâneo ainda possui fortes traços de uma educação rígida e engessada herdada do paradigma tradicional, que valoriza a racionalização, privilegiando a fragmentação do saber e negando o ser humano dotado de emoções, afetos e sentimentos, adoecendo assim, as instituições educacionais. Prova disso são os atuais métodos avaliativos e a preocupação com classificação, priorizando a competição. Nessa perspectiva, Suanno, J. H. (2013) revela que:

Não se pode pensar que os profissionais da educação se fechem apenas ao seu papel educacional restringindo-se apenas aos conteúdos. Desde há muito, senão desde sempre, mesmo que em tempos de diferentes tendências educacionais, que a educação vai além e não se contenta com a educação voltada apenas para os conteúdos curriculares, pois trata-se de pessoas em relação. (p. 161)

Sendo assim, compreende-se que é preciso repensar a atuação dos sistemas educacionais, promovendo diálogos criativos entre a educação e a vida. A transdisciplinaridade se mostra como relevante para a contribuição na formação de seres humanizados e conscientes de suas ações no mundo. A respeito da transdisciplinaridade, Suanno, M.V.R. (2014) destaca:

A transdisciplinaridade não constitui nem uma nova religião, nem uma nova filosofia, nem uma nova metafísica, nem uma ciência das ciências [...]. Nem tem a pretensão de ser a única ou a melhor forma de compreender a realidade, mas se apresenta como uma outra possibilidade, uma outra via de compreensão e de transformação da realidade (p.121).

A transdisciplinaridade propõe a educação do ser humano integral e complexo, constituído de subjetividade, considerando o contexto social em que ele vive, ampliando a percepção no processo de conhecimento, que está em constante construção, desconstrução e reconstrução, para assim, colaborar para ampliação da consciência humana. Em síntese, Moraes (2014) discorre que:

A transdisciplinaridade é, portanto, um princípio epistemo-metodológico constitutivo dos processos de construção do conhecimento e que nos ajuda a superar as barreiras disciplinares na tentativa de compreender o que está mais além dos limites estabelecidos ou das fronteiras conhecidas. Um princípio que requer que nosso pensamento vá além dos aspectos cognitivos, baseados no desenvolvimento de competências e habilidades e abarque também o mundo emocional, intuitivo e espiritual do sujeito, para que o processo educacional possa verdadeiramente ecoar na subjetividade dos educandos e promover a evolução de sua consciência. (p.34)

Nesse pensar, é necessário que se renove a educação, problematizando a necessidade da reforma do pensamento humano proposta por Edgar Morin, que destaca que o amor, a paz, a solidariedade, a ética, dentre outros, são essenciais para o bem comum e a construção de uma sociedade melhor e mais harmoniosa.

Nesta busca pelo bem comum, a instituição escolar deve ser espaço de construção de saberes e de formação de seres humanos que adquiram conduta comprometida com valores de vida, exercendo uma cidadania planetária. Assim, Morin ainda nos chama a atenção para a necessidade de uma educação que resgate o ensino da compreensão, que atente o olhar sensível para o outro e a importância do outro no desenvolvimento do eu, destacando o respeito à diversidade.

Nessa direção, o papel do professor deve ser destacado, certo de que o diálogo se torna fundamental no processo educacional, pois o professor transdisciplinar promove o inquietar, o falar e o expressar-se, permitindo uma escola relacionada com a realidade e que valorize a construção e ligação entre os saberes. Então, o professor que propõe o diálogo incentiva a abertura sensível ao pensamento do outro, reconhecendo que ele tem muito a oferecer no processo de construção dos saberes. Para Suanno J. H. (2010), o professor:

Faz entender que as percepções individuais contribuem para uma maior compreensão do assunto e, ainda mais, procura possibilitar aos seus alunos a ideia da complementariedade, no sentido de cooperação e não de oposição em si mesma, que leva ao sentido de competitividade. (p.210).

Portanto, urge repensar a missão da escola, que necessita ampliar os olhares no intuito de propor ações para o desenvolvimento humano. Nesse sentido, esse trabalho passa a dialogar sobre o conteúdo jogos cooperativos na disciplina Educação Física, destacando a possibilidade de desenvolver práticas pedagógicas que conscientizem o ser aprendiz sobre a beleza que há no encontro do eu e do outro. Ademais, relata-se rapidamente uma experiência pedagógica com os jogos cooperativos desenvolvida nas aulas de Educação Física nas séries do 1º, 2º, 3º, 4º, 5º anos do ensino fundamental de uma escola pública da rede municipal de ensino de Anápolis-Go.

Os jogos cooperativos como exercício de convivência na educação física escolar

De acordo com Coletivo de Autores (1992), a Educação Física escolar, paralelamente à história da educação, possui herança de um currículo tecnicista, que valoriza a competição exacerbada.

Dessa forma, percebe-se que o incentivo exagerado à competição nas aulas de Educação Física reproduz a lógica da sociedade capitalista, fortalecendo a oposição entre bom x ruim, forte x fraco, melhor x pior. Normalmente, as competições são marcadas por climas tensos, discussões e frustrações, pois nesse estilo de jogo sempre há um vencedor e um perdedor e o outro é visto como um adversário, um obstáculo a ser vencido, pois o prazer está em ganhar do oponente.

Ao repensar o compromisso social da Educação Física na formação integral do educando, torna-se necessário colaborar na construção, desconstrução e reconstrução de alguns saberes, como indica a transdisciplinaridade. Nesse sentido, destaca-se a emergência em desconstruir a ideologia da competição e incentivar a cooperação como forma significativa de jogo, que transcende do jogo da quadra para o jogo da vida.

Entende-se que a competição existe no cotidiano da vida e que é necessário saber lidar com ela, porém, propõe-se projetar um novo olhar para o jogo, refletindo sobre as diversas possibilidades de jogo que vão além da competição.

Em virtude das ideias mencionadas, destacamos os jogos cooperativos como conteúdo relevante, pois eles surgem como caminho para alcançar importantes objetivos da Educação Física. Sua finalidade não é negar a competição, mas olhar sob um novo prisma, fortalecendo os laços com a humanização dos sujeitos e com o ensinamento de valores éticos. Vale destacar que os jogos cooperativos “surgiram da preocupação com a excessiva valorização dada ao individualismo e à competição exacerbada, na sociedade moderna, mais especificamente, na cultura ocidental.” (BROTTO, 2002, p. 45). Ressalta-se ainda, a compreensão de que a cooperação é vivenciada mesmo em espaços competitivos, pois nestes também se formam grupos e os sujeitos devem ajudar-se para obtenção de êxito.

À vista disso, a experiência com os jogos cooperativos leva os alunos a aprenderem a perceber o outro, respeitar sua individualidade, permitindo que todos colaborem para o fortalecimento do grande grupo, que se une para vencer um desafio e não o outro. Isso se confirma na análise de Suanno, Paula e Arantes (2015):

Os jogos cooperativos possibilitam o olhar sensível para o outro e o trabalho com a empatia, que possibilita que o aluno se coloque no lugar do outro, percebendo-o e valorizando-o. Assim, a proposta da cooperação é que o

grupo de alunos vença um determinado desafio juntos, diferentemente da lógica da competição, que sempre produz dois grupos: os vencedores e os perdedores. Na cooperação, a proposta é transdisciplinar, na qual o prazer em vivenciar o jogo está em jogar “com” o outro e não “contra” o outro. (p.91).

Ao estimular a convivência com a diversidade, o jogar cooperativo faz entender que não existem melhores ou piores, pois cada um colabora com o que tem de melhor, evitando a exclusão que muitas vezes desmotiva o aluno e gera grandes frustrações. Ao considerar que a inclusão como princípio norteador da cooperação, o jogo cooperativo acolhe a todos, fazendo com que o aluno se sinta importante e parte integrante do grupo.

Dessa maneira, a proposta do jogo cooperativo como conteúdo vai de encontro ao pensamento de Morin (2000) que descreve sobre os sete saberes necessários à educação do futuro, destacando a proposta de ensinar a compreensão, que leva ao olhar fraternal e amoroso para o outro. Para o teórico francês, é preciso superar:

Não somente a indiferença, mas também o egocentrismo, o etnocentrismo, o sociocentrismo, que têm como traço comum se situarem no centro do mundo e considerar como secundário, insignificante ou hostil tudo o que é estranho ou distante (p. 96).

Assim, ao pensar no jogo cooperativo no viés da educação transdisciplinar, que almeja que os alunos atinjam novos níveis de realidade e de percepção para o outro e para a vida, percebe-se a contribuição desse determinado tipo de jogo para o desenvolvimento humano do ser aprendente. Nesse pensamento, Brotto (2002) afirma:

Escolhendo participar do jogo e do esporte, com uma postura de cooperação, podemos aprender a harmonizar conflitos, desequilíbrios, crises e confrontos; através do aperfeiçoamento da nossa habilidade de cooperar uns com os outros, gerando ordem na desordem (cosmos no caos), solidariedade na adversidade, companheirismo no individualismo e cooperação na competição. Jogando cooperativamente aprendemos que quanto maior o grau de complexidade do jogo/situação, maior a necessidade de atenção, comunicação, integração, ajuda mútua, participação, inclusão, diversão, vontade de continuar jogando e que a principal motivação não é o desejo de ganhar, nem o medo de perder, mas o prazer de ser/fazer parte do jogo. (p.100).

Foi nessa perspectiva da cooperação e da transdisciplinaridade, que foi proposto a vivência dos jogos cooperativos aos alunos dos 1º, 2º, 3º, 4º e 5º anos nas aulas de Educação Física de uma Escola Municipal de Anápolis-Go, durante o mês de Abril do ano letivo de 2016, contemplando o tema ética previsto na matriz curricular.

Ao longo do mês de Abril, as aulas foram realizadas com a vivência de alguns jogos cooperativos, bem como a reflexão a respeito da cooperação. Os alunos foram levados a pensar sobre novas possibilidades de jogo, para além da competição. Destacam-se algumas questões problematizadoras levadas para discussão com os alunos: quem gosta de competir nos jogos? Alguém conhece outra forma de se jogar? Alguém já ouviu falar da cooperação? Para sentir prazer em um jogo eu preciso ser sempre o vencedor? Posso participar de um jogo COM o colega e não somente CONTRA ele? É possível brincar com o colega e juntos vencer um desafio?

Durante as aulas, os alunos participaram de jogos, em que tiveram que se abraçar, trabalhando as emoções, a amizade e amor. Atividades nas quais todos participaram em roda para vencer um desafio em comum, valorizando a ideia de grupo e de interligação energética. Jogos em que foi preciso conversar, interagir, ceder, considerar o ponto de vista do outro e tomar decisões, explorando a convivência e a liderança circular. Além disso, os alunos participaram de jogos em que era preciso se colocar no lugar do outro, de tal forma que o jogo somente daria certo caso o educando se preocupasse mais em servir ao outro, fazendo pensar a respeito da visão egoísta para o eu.

Nas aulas, foi possível perceber a alegria do encontro e a maneira prazerosa com que os educandos se divertiram, demonstrada tantas vezes em sorrisos sinceros. De fato, a quadra transformou-se em uma grande teia cooperativa e transdisciplinar, cujas emoções estavam muito vivas.

Vale pontuar também que ao final de alguns jogos foi realizado com os alunos um momento de avaliação e reflexão, nomeado de CAV (círculo de aprendizagem vivencial) pela pedagogia da cooperação. Nesses momentos, os alunos puderam compartilhar seus anseios, suas percepções e suas opiniões sobre os jogos e sobre o que neles aconteceram. Ademais, puderam expressar principalmente o que foi possível aprender com a vivência cooperativa.

Dessa forma, os alunos vivenciaram jogos cooperativos que os estimularam a repensar sobre a importância da cooperação como caminho de vida, pois se entende que o outro é necessário para conviver bem e para ajudar a vencer os desafios propostos pelo cotidiano, além de possibilitar o toque sensível, a ajuda, o apoio, o acolhimento do outro, como alerta Morin (2000) no saber relacionado ao ensino da compreensão humana.

Em suma, acredita-se que o trabalho desenvolvido com os jogos cooperativos colaborou para o desenvolvimento humano do ser aprendiz e, sobretudo, para que o mesmo atingisse novos níveis de percepção para o outro.

Considerações finais

Pensar a educação na ótica da transdisciplinaridade é refundar o humanismo. É voltar à essência humana. A transdisciplinaridade tem um compromisso social relevante: reformar o pensamento humano para a construção de um espaço social mais fraterno e acolhedor.

Assim, os jogos cooperativos na Educação Física Escolar colaboram para despertar as consciências dos alunos quanto ao outro, percebendo-o como essencial no seu desenvolvimento e na sua vida.

A vivência compartilhada nesse trabalho faz pensar que o jogo cooperativo como conteúdo das aulas da disciplina de Educação Física estimula o convívio e a harmonia, valorizando as relações interpessoais, bem como contribui para ensinar a união que nos leva a vencer juntos os desafios que a vida nos oferece, propagando a cultura da paz tão necessária no tempo presente.

Referências

BROTTO, Fábio Otuzi. **Jogos cooperativos**: o jogo e o esporte como um exercício de convivência. 2ª Edição. Santos: Projeto Cooperação, 2002.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

MATURANA, Humberto. **A ontologia da realidade**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

MORAES, Maria Cândida. Educação e sustentabilidade: um olhar complexo e transdisciplinar. In: MORAES, Maria Cândida; SUANNO, João Henrique. **O pensar complexo na educação**: sustentabilidade, transdisciplinaridade e criatividade. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgar de Assis Carvalho – 2. ed. – São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

SUANNO, João Henrique. Práticas Inovadoras em Educação: uma visão complexa, transdisciplinar e humanística. In: BATALLOSO NAVAS, Juan Miguel e MORAES, Maria Cândida. **Complexidade e transdisciplinaridade em educação**: teoria e prática docente. Rio de Janeiro: Wak, 2010.

_____. **Escola criativa e práticas pedagógicas transdisciplinares e ecoformadoras**. Tese de Doutorado. Defesa em 09 de maio de 2013. Orientação da Profa. Dra. Maria Cândida Moraes. Brasília/DF: Universidade Católica de Brasília – UCB, 2013.

_____. PAULA, Marcos Vinícius Guimarães de; ARANTES, Victor Hugo de Paiva. O olhar transdisciplinar para a Educação Física Escolar. In: Pinho, Maria José de; SUANNO, Marilza Vanessa Rosa; Suanno, João Henrique. **Projetos criativos na prática pedagógica: cantar e encantar a aprendizagem**. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2015.

SUANNO, Marilza Vanessa Rosa. Em busca da compreensão do conceito de transdisciplinaridade. In: MORAES, Maria Cândida; SUANNO, João Henrique. **O pensar complexo na educação: sustentabilidade, transdisciplinaridade e criatividade**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.